

Aprendizagens no contexto da cidade.

Candoti, Eliane Aparecida, das Neves
Gonzaga, Renata.

Cita:

Candoti, Eliane Aparecida, das Neves Gonzaga, Renata (2017).
*Aprendizagens no contexto da cidade. XVI Jornadas
Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia.
Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del
Plata.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/716>

PROJETO CONHECER LONDRINA: APRENDIZAGENS NO CONTEXTO DA CIDADE

Eliane Aparecida Candoti¹

Rúbia Renata das Neves Gonzaga²

Para uma aprendizagem mais significativa, é necessário pensar a escola para além de seus muros e entender a cidade como forma material de cultura, onde emergem significados, experiências e narrativas. Neste estudo apresentamos uma análise do Projeto Conhecer Londrina e suas reverberações quanto ao ensino de História nas escolas municipais. Implementado em caráter experimental pela Prefeitura Municipal de Londrina em 1981, contemplou inicialmente uma visita ao Museu Histórico de Londrina e a alguns pontos da cidade, permanecendo até o momento com atendimento de professores e alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Atualmente há duas possibilidades de trajeto com paradas interativas acompanhadas de problematizações quanto aos espaços, objetos e vivências. O trabalho objetiva a sensibilização dos envolvidos quanto à memória e o patrimônio local, enquanto promove a compreensão e interpretação do contexto sociocultural londrinense, possibilitando novos olhares frente às diversidades. O projeto compreende duas etapas. Primeiramente é voltado à formação de professores com orientações sobre o projeto, o ensino de história nos anos iniciais e a realização de aulas de campo. Os professores participam de uma aula de campo para reconhecimento do trajeto e aquisição de informações sobre os locais visitados, ao longo do qual evidenciamos o modo como se deu a ocupação inicial da cidade e como esta se delineou nas décadas seguintes. A segunda etapa envolve alunos e professores em visitas a alguns pontos históricos da cidade para que com a mediação dos professores os alunos possam estabelecer relações entre os conhecimentos trabalhados em sala de aula e os vivenciados durante o estudo do meio, além de vivências cotidianas. Destacamos que o trajeto, rico em histórias, é percorrido em meio às narrativas dos muitos mediadores que se apresentam, contribuindo para que alunos elaborem e modifiquem suas próprias narrativas sobre a cidade. A linha teórica que sustenta esse estudo ancora-se em autores que definem a cidade como espaço educador como Sandra Pesavento, Sonia Miranda Joan Pagés. Como resultados do projeto, observamos as iniciativas de muitos professores na elaboração e realização de trajetos alternativos; práticas pedagógicas que privilegiam a problematização e o desenvolvimento de novos olhares sobre sujeitos e espaços percorridos; realização dos trajetos acompanhados de formação a convite de outros grupos como, professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos; do Laboratório de Anos Iniciais da Universidade Estadual de Londrina do curso de Pedagogia; e Londrinapé Caminhadas.

Palavras-chave: Ensino de História; Conhecer Londrina; cidade; narrativas; patrimônio.

A cidade enquanto espaço que educa

¹ Professora da Rede Municipal de Londrina. Aluna do Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado em Educação – área de concentração em Educação Escolar e Ensino de História.

² Docente do Departamento de Educação. Aluna do Programa de Pós-Graduação em nível de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Londrina. Professora da Rede Municipal de Londrina.

A cidade se constituiu ao longo do tempo enquanto local de manifestações e transformações sociais, expressão marcante do pensamento e da ação humana. Sendo uma forma material da cultura, da cidade emergem mensagens e significados, onde se alimentam os relatos e narrativas. Evidencia-se assim, o caráter dialógico da cidade, que segundo Bonafé (2013) produz uma linguagem com significações ao mesmo tempo complementares e antagônicas, fomentando, dessa maneira, a liberdade, a sujeição das pessoas, além de um campo fértil para discussões e aprendizagens.

Nesse sentido, as problemáticas atuais ou a existência de memórias afetivas nos conduzem às representações sociais e culturais de temporalidades distintas, as quais estabelecem conexões e compreensões sobre o contexto presente. Consonante a isso, Chartier (1988), afirma que pensar o social por meio de suas representações é uma preocupação contemporânea que nos remete à História Cultural, cujo principal objeto de trabalho é “o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” Por tratarde um espaço marcado pela multiplicidade de pessoas e acontecimentos, a cidade se apresenta como objeto de reflexões que demandam inúmeros saberes, tornando-se um grande desafio para a sociedade que a vivencia. Para tanto, conhecê-la e produzir conhecimentos que traduzam seus significados, implica em debruçar-se sobre os usos sociais que se fazem dela, bem como dos significados históricos e culturais que seus usuários atribuem as formas, objetos e espaços urbanos.

Sendo assim, nos propomos a realizar uma leitura histórica e geográfica da cidade enquanto expressão de bens culturais e significados que se dispõem e se modificam no contexto urbano por meio do Projeto Conhecer Londrina e seus desdobramentos envolvendo crianças e adultos num processo contínuo de produção do conhecimento com a cidade. De acordo com Pesavento (1995), para decifrar os espaços urbanos em meio às ações dos seus sujeitos, é preciso percepção para identificar os diferentes processos que se mobilizam em torno da “cidade idealizada” e da “cidade real”, bem como das articulações econômicas, políticas, sociais e culturais que a configuram. Nesse movimento, grupos que por muito tempo permaneceram no anonimato, trazem representações coletivas de uma "outra" cidade e de questões que até então não eram discutidas em seus domínios. Desse modo, a descoberta da cidade constitui-se num processo contínuo em que perpassamos memórias, sensações, vivências e diferentes conhecimentos que se entrelaçam na composição do cenário.

Blanch e Miranda (2014) apontam o espaço urbano como local de grande pluralidade cultural, múltiplas alteridades, participação social e de aprendizagens significativas, no qual as pessoas tornam-se conscientes ou inconscientes sobre o impacto de suas ações. Enquanto

construção histórica e cultural, a cidade pode tornar-se um importante instrumento educativo na compreensão de mudanças e permanências, simultaneidades, continuidades e descontinuidades históricas e assim, possibilitar práticas educativas e democráticas aos diversos grupos. Sua potencialidade educativa vai além dos grupos escolares de modo que toda a comunidade pode se envolver de modo efetivo em momentos de aprendizagem que resultem em práticas de cidadania.

Nesse sentido, a escola não como instituição, mas como experiência de educação, explora a cidade. E para tal intento, é necessário revisar e ampliar a noção tradicional de currículo que há muito tem vivido entre as paredes da sala de aula, afastado do mundo e de suas interferências. Os saberes dissociados e a fragmentação das disciplinas aparecem como características marcantes desse modelo curricular que é fechado e delimitado.

A fim de provocar rupturas com o currículo escolar tradicional, novos olhares e interpretações surgem possibilitando ensinar às crianças sobre o mundo, tendo a cidade como referência e, assim, permitindo a construção de significados porque aparelhado de vida cotidiana e experiências subjetivas.

[...] isto é, desvela-nos as novas possibilidades em potencial de uma metrópole cruzada pelas novas experiências educacionais da mestiçagem, do nomadismo, do devir-mulher do público, da criação artística efêmera, das lutas juvenis, dos vínculos e das redes sociais, enfim, de tudo aquilo que atua no território urbano como laboratório onde são ensaiadas as transações e transformações sociais e culturais (BONAFÉ, 2013, p. 120)

A capacidade de olhar, investigar e indagar o urbano é otimizada à medida que direitos à cidade, à pluralidade, à memória, à educação e à consciência histórica são garantidos pela problematização e preservação dos espaços urbanos, o que mobiliza diretamente as formações e práticas docentes na efetivação dos mesmos. Trata-se de educar com, na e pela cidade, objetivando sempre o bem viver em sociedade (BLANCH; MIRANDA, 2014).

Do mesmo modo, na perspectiva educacional, Lee (2006) aponta para a importância de uma alfabetização histórica que ocorra desde os anos iniciais da formação escolar, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de ler o mundo no qual nos inserimos a partir de situações cotidianas e concretas que se remetam ao passado e assim, favoreçam a compreensão do mesmo. O autor destaca a utilização de objetos, lugares e narrativas que permitam a materialização do passado no tempo presente, de modo que as crianças se remetam a diferentes temporalidades e contextos históricos. Além de agregar significado ao ensino de História, esta prática permite o desenvolvimento de competências de análise e interpretação de fontes diversas, promovendo um conhecimento mais amplo do passado e suas

relações com questões presentes e cotidianas. Mais do que aprender História, é preciso promover o pensar historicamente.

Contemplando o potencial educador da cidade, Blanch e Monfort (2005) apresentam os conceitos de patrimônio cultural e de educação patrimonial no campo da prática docente. De acordo com os autores, o patrimônio cultural possui uma configuração integradora, envolvendo sujeitos, sociedades e saberes em diferentes temporalidades. Para tanto, destacam a importância da utilização de fontes materiais e imateriais, que se apresentem enquanto produção e herança cultural do povo, educando o olhar para o patrimônio e promovendo ações preservacionistas sobre o mesmo.

Blanch e Monfort (2005) afirmam que o patrimônio cultural é um importante recurso na apropriação do conhecimento sobre o passado e o presente, ocorrendo a valorização dos mesmos. Nesse processo, o trabalho investigativo sobre o entorno, possibilitando o estudo do meio e da história local, define-se como ferramenta valiosa na construção da identidade coletiva, no processo de ensino e aprendizagem e na elaboração do conhecimento e da consciência histórica dos alunos. Esta metodologia proporciona uma aprendizagem lúdica e multissensorial, repercutindo diretamente nos espaços da cidade por meio dos olhares e das ações que emergem dos educandos.

Para os autores, a história e a memória local representam o ponto de partida para pensar o patrimônio cultural de uma população e não apenas um recurso ilustrador na construção do pensamento histórico. Por meio dele novas aprendizagens, práticas de salvaguarda e cidadania são instigadas, materializando-se na cidade enquanto campo pluricultural, educativo e transformador.

Projeto Conhecer Londrina: práticas e vivências

Romper os muros da escola e proporcionar novos olhares sobre a cidade foram elementos de peso no processo de idealização e efetivação do Projeto Conhecer Londrina entre as décadas de 1980 e 1990.

Inicialmente representou uma parceria entre as Secretarias de Educação e Cultura de Londrina, a fim de oportunizar o contato dos alunos da rede municipal de ensino com alguns elementos da cidade como praças, aeroporto, acervos históricos mantidos na Secretaria de Cultura, campus da Universidade Estadual de Londrina, entre outros. Sem maiores interações, o trajeto oportunizava o contato visual e apreciação direta em alguns momentos de parada,

geralmente a Praça do Aeroporto de Londrina, a Secretaria de Cultura e algum ponto do Campus da Universidade.

Em 1991, ocorreu a implementação do projeto pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina, contemplando inicialmente uma visita ao Museu Histórico e a alguns locais da cidade, porém, sem maiores interações entre os alunos e os espaços. Em 2002 o projeto assumiu novo formato, o qual permanece até os dias de hoje com atendimento de professores e alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

Com o objetivo de propiciar aos alunos do 4º ano da rede municipal de ensino, maior contato com a realidade histórica e geográfica do município, a fim de que estes estabeleçam relações entre os conhecimentos trabalhados em sala de aula, suas vivências pessoais e vivências da aula de campo, o projeto adquiriu novos contornos e elementos de observação.

A nova versão passou a contemplar a formação continuada de professores do 4º ano, abordando a história e a geografia de Londrina, bem como a metodologia de aula de campo, além da realização do trajeto de rua (parte no ônibus e parte na rua), primeiramente com professores, e depois com os alunos dos 4^{os} anos.

No trajeto ocorre a visita monitorada ao Museu Histórico e as paradas interativas durante o percurso, no qual apresentamos duas possibilidades de roteiro. O percurso realizado com maior frequência abrange a região do Marco Zero da cidade; monumentos; edificações de diferentes décadas destacando movimentos econômicos, políticos, sociais e culturais da cidade; parques e lagos; uma caminhada no entorno do quarteirão cultural, onde estão localizados a Igreja Matriz de Londrina, a Biblioteca Pública Municipal, o Centro de Saúde, o Memorial do Pioneiro, o Centro Comercial, a Concha Acústica, os Correios, a antiga Companhia Telefônica, a Secretaria Municipal de Cultura e o Teatro Zaqueu de Melo; além do Bosque Municipal e da “Praça da Bandeira” ao lado da Igreja Matriz, pontos que alguns grupos optam por visitar. A segunda possibilidade corresponde ao trajeto no campus da Universidade Estadual de Londrina, onde os alunos conhecem a Casa do Pioneiro, a réplica da Igreja Matriz de Londrina, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica no Departamento de História, exposições geológicas no Departamento de Geografia, entre outros. No percurso do ônibus os alunos conseguem visualizar paisagens que contemplam pela janela. Os espaços elencados na composição dos roteiros retratam diferentes momentos da história da cidade, bem como os vínculos estabelecidos pelos diferentes grupos que circulam e imprimem sua marca na cidade.

Pela proximidade com o centro histórico ou pela maior disponibilidade de professores que acompanham as turmas, algumas unidades escolares realizam o trajeto entre o centro

histórico e o Museu a pé, possibilitando maiores intervenções e interações por parte dos alunos que, muitas vezes, registram áudios e imagens com os celulares, realizam suas anotações nas pranchetas ou simplesmente apreciam e dialogam com seus professores e amigos.

Quando nos referimos a elementos como: monumentos, Igreja Matriz, praças, Marco Zero, centro histórico, dentre outros, entendemos que estes correspondem às narrativas oficiais sobre a formação da cidade, porém, em cada um dos espaços apontamos a necessidade de problematizar e discutir com os alunos sobre seu real significado para aqueles que passam por ele e para sujeitos e movimentos invisibilizados pelas narrativas históricas.

Considerando a importância de uma narrativa acessível às diferentes faixas etárias, priorizamos no decorrer do trabalho, a problematização dos espaços e vivências que se integram aos trajetos, pois a real intenção não é apenas contar a história da cidade, e sim, pensar sobre as versões existentes sobre ela: a versão do colonizador, do trabalhador, da população negra, dos moradores de periferia, dos que não professavam a fé da Igreja matriz, dos que não frequentavam os bailes ou passeios mais requintados da cidade, dentre outras. Trazer ao conhecimento de alunos e professores as vozes silenciadas na história da cidade, tem produzido sentimento de empatia à medida que estes se identificam com as narrativas, as que se reproduzem nos grupos dos quais fazem parte. Sobre isso, Walter Benjamin em sua VII Tese (1940), defende que o historiador deve narrar a História a contrapelo, ou seja, que esta deve ser escrita do ponto de vista dos silenciados e não dos que silenciam, arrancando-a do conformismo que caracteriza a historiografia embasada no discurso das classes dominantes (apud LÖWY, 2002).

Nessa proposta, a Secretaria Municipal de Educação, conta com a parceria efetiva da equipe do Museu Histórico de Londrina, o qual desenvolve inúmeras ações educativas junto às escolas municipais. O trabalho objetiva a sensibilização dos envolvidos quanto à memória e o patrimônio local, enquanto promove a compreensão e interpretação do contexto sociocultural londrinense, oportunizando novos olhares e posturas frente às diversidades.

A primeira etapa do projeto, voltada à formação continuada de professores, contempla o ensino de história e geografia nos anos iniciais por meio das aulas de campo e das vivências dos alunos e de grupos com os quais interagem. Nesta fase, os professores participam de uma aula pública para reconhecimento do trajeto e aquisição de informações sobre os locais visitados, ao longo do qual evidenciamos o processo de reocupação da cidade e como a presença de diferentes grupos delineou o espaço nas décadas seguintes. Na segunda etapa os professores atuam como mediadores entre os alunos, espaços, memórias, sujeitos, vivências e

conhecimentos, de modo que estes possam estabelecer relações entre os mesmos. Destacamos que todo esse trajeto, rico em histórias, pessoas, formas, cores, texturas, sons e cheiros (e por que não, sabores), é percorrido em meio às narrativas dos muitos mediadores que se apresentam, contribuindo para que alunos elaborem e modifiquem suas próprias narrativas sobre a cidade.

Nessa perspectiva temos o trabalho com a história pública, cujo conhecimento se volta para a inter-relação entre memórias e narrativas de diferentes grupos e vivências, valorizando a mediação entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos locais na construção de identidades coletivas. De acordo com Almeida e Rovai (2011, p. 7),

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise.

Sendo assim, o ensino de História avança para além dos muros da escola, possibilitando maiores contribuições e interações por parte da sociedade no processo de elaboração do pensamento e do conhecimento histórico. Por esse viés, Rusen (2001) defende que o ensino de História tem como objetivo o desenvolvimento da consciência histórica nos indivíduos, uma vez que o raciocínio elaborado com a finalidade de entender as ações individuais e coletivas num contexto de tempo e espaço dão condições para que estes se orientem em sua vida prática no tempo presente. O autor parte da importância de viabilizar o pensamento histórico por meio de reflexões a respeito das vivências cotidianas do grupo em questão, abordando as mudanças e as permanências, bem como as suas razões no decorrer do tempo. Esse processo, além de contribuir para a compreensão de mundo também contribui para a formação de novos olhares sobre o meio e as questões que se apresentam.

Nesse contexto, apontamos as aulas de campo como aulas públicas, uma vez que por meio delas outros sujeitos, com os quais nos encontramos ao longo do trajeto, acabam parando para fazer suas observações e contribuições com o grupo. No caminho temos o encontro de diferentes olhares e narrativas que se confrontam, mas que também somam, com os saberes acadêmicos. Ainda que muitos permaneçam como expectadores, percebemos a curiosidade latente e a troca de comentários entre os pares, de modo que a aula pública aparece como elemento instigante no cotidiano da cidade, onde o conhecimento é tecido por muitas mãos.

Em todas as suas edições, o projeto enfrenta dificuldades quanto ao fornecimento do transporte por parte do poder público, no entanto, o envolvimento de gestores e professores

com a proposta fez com que muitos se mobilizassem com recursos próprios ou com outras possibilidades a fim de garantir aos alunos a realização dos trajetos.

Atualmente, o projeto atende em parceria com outros grupos e instituições, públicos diferenciados. Diante de solicitação de gestores e professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendemos, em horários e formatos alternativos, aos professores e alunos durante o período noturno. Foi extremamente significativa a experiência do público da EJA no Projeto Conhecer Londrina, uma vez que identificaram as próprias narrativas no decorrer do percurso e nos elementos que compõem a narrativa do Museu Histórico. Por questões de segurança, não realizamos o mesmo trajeto de rua, permanecendo a maior parte do tempo dentro do veículo, porém as maiores interações se dão nos espaços externos e internos do Museu. Professores e alunos apresentam um repertório de informações que acrescentam e confirmam vários aspectos da narrativa acadêmica sobre a história da cidade. Em cada espaço e na direção dos acervos, percebemos olhares constantes de descoberta e de reencontro com as memórias da infância.

Os alunos sentiram-se motivados e ansiosos para participar da aula de campo. Demonstraram muito interesse pelo conteúdo. (Relato da EJA – Região Oeste de Londrina, 2014).

O trajeto e a visita ao museu transportou as memórias dos alunos ao passado, trazendo-lhes muitas recordações associadas a convivência de pessoas que hoje já faleceram, deixando-os emocionados... Provocou ainda comparações da vida que tiveram com a vida de hoje. Concluíram que foram muito felizes e que hoje, a vida lhes reservou situações de solidão, dificuldades financeiras, pouca qualidade de vida, enfermidades e pouco lazer. Por isso a valorização de eventos que a escola promove. (Relato da EJA – Região Norte de Londrina, 2014).

Emocionaram-se revendo objetos que fizeram parte de suas vidas e a socialização com alunos de outras escolas foi muito rica. Deveriam acontecer outros momentos assim. (Relato da EJA – Região Leste de Londrina, 2014).

Ao atendermos as turmas do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2015, tivemos a oportunidade de ampliar as discussões sobre o modo como concebemos a história e os espaços da cidade, prática fundamental para que os alunos em formação inicial verificassem in loco situações relacionadas aos processos de urbanismo e ocupação do espaço. Por meio dessa aula pública, os alunos também puderam verificar as várias possibilidades de mediação existentes nos trajetos e nas exposições do Museu Histórico ao atendermos crianças e adultos nesse contexto do ensino de História.

As situações vivenciadas pelos futuros professores permitiu maior aproximação entre teoria e prática, algo que na formação inicial é imprescindível para auxiliar os alunos a

estabelecer relações na prática pedagógica. Nesse sentido, Carvalho (2011) afirma que é preciso rever cotidianamente o papel da teoria na formação inicial, uma vez que a formação de professores tem sido frequentemente submetida a questionamentos sobre a relação teoria e prática, em especial o distanciamento entre uma e outra. Ressalta que é importante lembrar que a teoria sem prática continua sendo teoria, mas a prática sem teoria é apenas um vazio.

A princípio, algumas alunas entenderam a mediação da responsável pelo projeto como sendo de uma guia turística, pois, mesmo tendo nascido na cidade e passando por ela constantemente nunca a contemplaram com atenção, identificando detalhes no todo, bem como as narrativas que permeiam cada um deles. Percebemos a predominância de algumas falas, como: “Sempre passo por aqui e nunca percebi isso”. “Não imaginava que isso acontecesse na cidade”. “Nunca percebi a cidade desse modo”. “Agora não vou olhar a cidade do mesmo modo que antes”. “Tenho a sensação de descobrir uma história escondida”. “Muitas histórias pra contar sobre Londrina”. Alguns dos participantes se lembram de terem realizado o mesmo trabalho durante a infância ou em outros momentos do ensino fundamental ou médio, chegando a relatar trechos das falas de seus professores na rede pública de ensino. Em todos os momentos e grupos atendidos, sem distinção, percebemos o sentimento de surpresa ao redescobrirem a cidade e perceberem seus vínculos com a mesma.

As próprias interações com o Museu Histórico produziram risos e satisfação ao vivenciarem a entrada nos vagões do trem simulando acomodações de 1ª e 2ª classe nos anos 30; a visita ao túnel que abriga o presépio interativo da Alfaiataria Dutra; a problematização de espaços como a moradia do rancho de palmito e a Venda do Dequech, primeiro empório da cidade; além da exposição de objetos relacionados ao cotidiano das famílias e das crianças. À medida que se identificavam com as narrativas, acervos e espaços, remetiam-se às memórias familiares e ao contexto da prática docente, realizando constantemente questionamentos e relatos de vivências. Isso corresponde às constatações realizadas no decorrer da prática docente as quais confirmam que educadores que se encontram e se encantam com a própria história e com o lugar em que vivem, são capazes de promover os mesmos encontros e encantos em seus educandos. Os espaços mencionados retratam o cotidiano da cidade entre os anos 30 e 70, permitindo que os alunos se reportem ao passado historicizando o viver em Londrina.

Esse momento de sensibilização repercute para além da sala de aula, envolvendo amigos, familiares e todos que possam se interessar por conhecer mais a cidade. Muitos dos professores e alunos, adultos ou crianças, acabam retornando a lugares onde ocorreram as aulas com outros grupos, reproduzindo falas ou aprofundando questões apresentadas durante

o percurso trabalhado. O que se confirma pelos relatos dos monitores e demais atendentes do Museu Histórico.

Ainda sobre a prática docente, destacamos no decorrer do trajeto a importância dos espaços de aprendizagem, os quais assumem novos contornos diante dos questionamentos dos alunos e das diferentes possibilidades de sistematização e elaboração do conhecimento por meio da observação e da experiência direta. Nesse processo, uma indagação constante é: o que podemos problematizar a partir das próprias vivências dos alunos em espaços de memória ou no decorrer dos trajetos?

Caimi (2001, p. 139) aponta a integração entre ensino-pesquisa como elemento capaz de favorecer o diálogo entre o conhecimento histórico e a atualidade. Para a autora, o ensino-pesquisa define-se como “a capacidade de problematizar o cotidiano dos sujeitos e com base em suas experiências, compreender a dinâmica das sociedades humanas”, ou seja, os questionamentos e as situações presentes nos remetem aos elementos que constituem o espaço, a memória e a história das sociedades em diferentes temporalidades a fim de pensarmos as problemáticas contemporâneas.

O grande laboratório é o presente. Ele nos traz indagações e vivências que serão relacionadas com os elementos de memória, sejam eles objetos, lugares, imagens e relatos, orais ou escritos. Trata-se de auxiliar os futuros professores a buscar um sentido para o ensino de história, que não seja apenas aproximar-se da cultura cotidiana das crianças e tampouco a transmissão de um conjunto de informações que visam apenas responder a demandas externas aos alunos.

Em relação a aula pública é importante considerar que o professor não é o único detentor do conhecimento, mas que, ao fazermos da rua e dos bancos de praça nossas salas de aula teremos outros agentes de aprendizagem interagindo com o grupo no decorrer do percurso. Alguns param para ouvir, outros fazem suas inferências e retomam o caminho e há quem resolva prosseguir com o grupo. Desse modo, é preciso mediar e valorizar as falas de muitos que podem ser alvo de entrevistas e contribuir na elaboração do conhecimento. Percebemos no decorrer das aulas, a realização de encontros geracionais, sociais e culturais, uma vez que, quem caminha ao lado agrega conhecimento, e as muitas contribuições se relacionam com o conhecimento escolar enriquecendo-o ainda mais.

Abud (1995) destaca a importância da associação entre o conhecimento histórico produzido e a realidade da comunidade escolar no processo de formação identitária dos envolvidos, uma vez que é capaz de valorizar o cotidiano e a participação social dos sujeitos.

No decorrer das aulas, alguns professores e algumas alunas do curso de Pedagogia apresentaram um questionamento em comum: O que é patrimônio em Londrina? De acordo com o Art. 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988, o Patrimônio Cultural Brasileiro é formado por,

Bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Apesar de apontar elementos de ordem material e imaterial como Patrimônio Cultural de uma comunidade ou população, é importante destacar que estes se diferenciam de um grupo para outro, pois depende do que é significativo e possui valor para as pessoas. Sendo assim, nem todo patrimônio histórico e cultural de um povo é tombado ou preservado do mesmo modo.

De acordo com Canclini (1994), os processos de urbanização e massificação da cultura interferem no conceito de patrimônio, uma vez que a população de determinado lugar pode ter contato com elementos de cultura estrangeira que são incorporados na vida cotidiana e assim interferem no que cada grupo determina como significativo em seu processo de constituição do patrimônio local. Sendo assim, o autor defende a importância do patrimônio cultural como elemento de cumplicidade social entre grupos populares, onde bens, práticas e saberes que os identificam são compartilhados entre gerações. No entanto, Canclini aponta que, ao mesmo tempo em que o patrimônio cultural une pessoas, também as distingue, considerando que o processo de apropriação do patrimônio cultural e os critérios de tombamento e preservação do mesmo, nem sempre contemplam igualmente a todos os grupos sociais. Para ele é importante que se reconheça o campo do patrimônio cultural como espaço de luta material e simbólica entre classes, etnias e grupos, uma vez que alguns grupos definirão o que será preservado ou não, mantendo narrativas que reproduzem as desigualdades.

Nesse sentido, o Projeto Conhecer Londrina discute sobre a intencionalidade nos processos de ocupação e reocupação dos espaços, como também sobre a movimentação dos grupos que imprimem sua marca na cidade. Os patrimônios tombados, alguns monumentos e elementos que se inserem na paisagem reforçam a existência de uma luta material e simbólica que se estende aos dias atuais e, em contra partida indicam a necessidade de uma prática docente que desconstrua versões estereotipadas sobre a história e a identidade londrinense que insistem em permanecer.

Mais do que conhecimentos históricos e geográficos sobre a cidade de Londrina, o projeto objetiva a problematização da diversidade que a constitui enquanto espaço múltiplo e plural, capaz de educar em diferentes contextos. Partindo dessa premissa e da necessidade de novos olhares e discussões sobre o patrimônio local, associamos o Projeto Conhecer Londrina à metodologia de educação patrimonial, a qual promove a experiência direta de crianças e adultos com bens e fenômenos culturais, possibilitando maior compreensão e valorização do objeto de estudo, num processo ativo de conhecimento e apropriação de sua herança cultural (HORTA, 1999).

Assim, a educação patrimonial é definida enquanto “instrumento de alfabetização cultural, que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórica-temporal em que está inserido” (HORTA, 1999, p.2). De acordo com a autora, trata-se de uma proposta capaz de dialogar com as diferentes áreas do conhecimento, enquanto colabora na constituição identitária e no empoderamento de sujeitos que passam a promover ações de salvaguarda na perspectiva de novos olhares sobre seu tempo, lugar e sociedade.

Considerações Finais

Promover ações que configurem a cidade enquanto espaço de múltiplas aprendizagens não é recente. Na década de 1990, ocorreu na cidade de Barcelona, o I Congresso Internacional das Cidades Educadoras, resultando desse evento, a Carta das Cidades Educadoras, cujos principais eixos são a educação, a igualdade e o acesso aos recursos e tecnologias para a formação de uma sociedade do conhecimento sem exclusões.

O documento revisto e atualizado entre os anos de 1994 e 2004 estabeleceu: a escola enquanto espaço comunitário; a cidade enquanto grande espaço educador; que devemos aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas; a valorização do aprendizado decorrente das vivências; a prioridade da formação de valores e princípios éticos e identitários.

Conforme a carta, estes elementos propiciam o direito à educação e à informação; à uma cultura de paz e solidariedade em meio a diversidade; à valorização da cultura e da identidade local; à cidadania e a sustentabilidade, numa perspectiva de qualidade de vida e igualdade de oportunidades.

Desse modo, entendemos que a repercussão das discussões promovidas pelo Projeto Conhecer Londrina vem colhendo frutos positivos. Destacamos o empenho dos professores e

gestores escolares em participarem das formações do Projeto Conhecer Londrina, bem como da efetivação do projeto em suas unidades, mesmo que necessitem de recursos próprios.

Como desdobramento do projeto, as unidades escolares passaram a solicitar com maior frequência, presença dos integrantes do Apoio Pedagógico de História e Geografia a fim de orientar o processo que antecede ou que sucede a aula de campo, bem como o fornecimento de materiais pedagógicos. Em algumas ocasiões acompanhamos a realização do projeto com as crianças, participando dos trajetos de rua e contribuindo com as aulas monitoradas no interior do Museu Histórico.

A realização de parcerias com o Museu Histórico, o Laboratório dos Anos Iniciais do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina e com o grupo Londrinapé Caminhadas, oportunizou o atendimento de públicos diferenciados como alunos da EJA, do Ensino Superior e famílias da comunidade londrinense sem vínculo específico com instituições de ensino. Essas experiências estão sendo significativas no contexto do projeto.

As aulas públicas envolvendo a equipe do Museu Histórico e o grupo Londrinapé Caminhadas ocorreram por meio de trajetos realizados nas manhãs de domingo e abertos à população londrinense. O primeiro se deu por ocasião do aniversário de 81 anos da cidade com o roteiro “Rua Sergipe e Centro Histórico” e o segundo, com o objetivo de contar um pouco mais sobre a história da cidade, no “Heimtal”, primeiro núcleo rural de Londrina, atualmente um dos bairros da região norte da cidade. Em ambos, as famílias que caminharam conosco não possuíam ligação com as escolas e interagiram relatando suas vivências e impressões sobre a cidade, em meio aos muitos registros de imagem. Um grande aprendizado para toda equipe.

A formação continuada, ora realizada pelo Apoio Pedagógico de História e Geografia da Secretaria Municipal de Educação, ora em parceria com a equipe do Museu Histórico de Londrina, avançou com novas possibilidades de trabalho envolvendo temáticas locais; com discussões no campo da Diversidade e da Inclusão; e com a realização de oficinas de entrevista, de fotografia, de mapas e de contação de histórias a fim de promover a coletânea de histórias cômicas e assombrosas entre familiares de alunos. Desse trabalho, resultaram algumas publicações: artigos de professores com relatos de experiência; coletânea de textos elaborados por alunos das escolas municipais a partir da realização de oficinas de entrevistas e de fotografia envolvendo diferentes membros da comunidade escolar; e um material apostilado sobre História e Geografia de Londrina para alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, o qual atendeu várias demandas sugeridas pelos próprios professores durante os encontros de formação.

As aulas de campo em diferentes espaços da cidade e mesmo no entorno da escola, práticas constantes na rede municipal de ensino, ampliaram suas proporções com discussões cada vez mais elaboradas a fim de problematizar questões do cotidiano, de modo que a cidade vai se tornando cada vez mais o pano de fundo para que as outras áreas de conhecimento se materializem em sala de aula.

Atualmente o Projeto Conhecer Londrina, além de contemplar o Centro Histórico da Cidade, também promove outros roteiros como “Conhecer Londrina Rural” e o “Conhecer Londrina Regiões”, o qual delimita objetos de estudo nas regiões norte, leste, oeste e sul, a fim de valorizar e ampliar as discussões sobre o patrimônio e o contexto das comunidades onde nossos alunos estão inseridos.

Como ação permanente da Secretaria Municipal de Educação, o Projeto Conhecer Londrina, em constante atividade, amplia seus horizontes em meio ao movimento da cidade, instigando novos olhares e discussões sobre a constituição dos espaços, identidades e sujeitos que a ocupam e caracterizam seu cotidiano. Desse modo, enquanto produto das relações humanas, a cidade se estabelece como espaço e objeto educativo capaz de impulsionar aprendizagens e expressar conceitos, valores e culturas daqueles que nela vivem.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. Conhecimento Histórico e Ensino de História: a produção do conhecimento histórico escolar. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene Rosa (orgs). **II Encontro Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1995, p.149-156.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BLANCH, Joan Pagès; MIRANDA, Sonia Regina. **Miradas sobre uma questão sensível: a cidade e suas potencialidades educativas/2014**. Disponível em: < <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/viewFile/6747/5583>> Acesso em: 08/04/2017 às 21h43.

BLANCH, Joan Pagès; MONFORT, Neus González. **Algunas propuestas para mejorar el uso didáctico del patrimonio cultural en el proceso de enseñanzaaprendizaje de la historia**. Journées d'études didactiques de la géographie et de l'histoire: 2005. Disponível em:< <http://ecehg.ens-lyon.fr/ECEHG/colloquehgec/2005%20Lyon/ateliers-modeles/gonzalez.pdf> > Acesso realizado em: 07/04/2017 às 19h30.

BONAFÉ, Jaume Martinez. **A cidade no currículo e o currículo na cidade**. In: SACRISTÁN, José Gimeno (org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 14/04/2017.

Carta das Cidades Educadoras. Proposta definitiva, novembro/ 2004. Disponível em <<http://www.fafeeduca.net/docs/Cartadascidadeseducadoras.pdf>> Acesso em: 20/10/2013 às 14h00.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Conversas e Controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)**. Passo Fundo: UPF, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro: IPHAN, n.º 23, 1994.

CARVALHO, José S. F. A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 16 n. 47; maio-agosto de 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difusão Editorial do Livro Ltda, 1988/2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006, p. 131-150. (nº Especial).

LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**. São Paulo. Vol. 16, nº45, maio/agosto, 2002. p. 199-206. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a13.pdf>> Acesso em: 17/04/17 às 23h00.

PESAVENTO, Sandra Jatay. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 8, nº 16, 1995. p. 279-290. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2008/1147> Acesso em: 05/04/2017 às 22h20.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.